

Dornbusch considera viável fixar juros em 9%, por três anos

por Sonia Jourdani
de São Paulo

O professor Rudiger Dornbusch, do Departamento de Economia do Massachusetts Institute of Technology (MIT), esquentou ontem os debates do encontro "Alternativas de Reestruturação Econômica Mundial". No painel "Caminhos para aliviar a crise de endividamento internacional", Dornbusch iniciou suas declarações com um alerta: "Um cenário róseo de coexistência entre crescimento e pagamento de juros não existe".

Em seguida, deu às suas frases um toque de profecia: não haverá aporte voluntário de capital estrangeiro para financiar o desenvolvimento; crescer será incompatível com a conjuntura de juros em alta e a queda no comércio internacional que ele prevê para o próximo ano; e, finalmente, só existem duas formas de os endividados resolverem seus problemas.

A primeira é adiar o problema para um futuro bastante remoto, refinanciando as amortizações, pagando os serviços da dívida e deixando que o principal seja corroído pela inflação. A segunda lhe é mais simpática: reduzir o pagamento dos juros. Sua proposta é de que os devedores convençam os países credores a aceitar parte da responsabilidade pelos seus problemas, dando uma folga aos países em desenvolvimento.

Isso seria negociado sob a égide do Fundo Monetário Internacional (FMI), com o argumento básico de que gigantescos déficits orçamentários, como o dos Estados Unidos, são financiados pelas nações pobres, uma vez que a necessidade de aporte de capital leva os bancos, principalmente os americanos, a elevar cada vez mais as taxas de juros. Quanto aos bancos, Rudiger Dornbusch propõe que sejam convencidos a acei-



Rudiger Dornbusch

tar a inevitabilidade de uma perda, recebendo o pagamento dos juros numa taxa fixa de 9% durante três anos. No caso do Brasil, sua estimativa é de que esta taxa poderia representar uma redução de US\$ 3 bilhões por ano nos gastos com juros.

É claro, admitiu Dornbusch, que o sistema bancário privado não gostaria nada da idéia, mas o professor acrescentou que, "se todos tiverem medo dos bancos, vão continuar pagando juros até o fim do mundo". Os protestos, segundo ele, poderiam perfeitamente ser sufocados se os credores lembrassem a fuga de capitais ocorrida no México, na Argentina e na Venezuela, de onde muitos empréstimos retomaram o caminho de casa, ou seja, os dólares estão hoje depositados em Nova York e praças européias.

Dornbusch disse que nada será solucionado sem posições mais incisivas da parte dos credores, uma vez que, para ele, não resolve em nada aumentar as cotas do FMI; não há como o Fundo cobrir a diferença entre uma taxa fixa de 10%, por exemplo, e as praticadas no mercado; de nada adianta capitalizar os juros, pois o problema agrava-se a longo prazo nem vale a pena considerar o pequeno passo dos esquemas de cofinanciamento.